

ÚLTIMO
NATAL EM
PARIS

Um romance da Primeira Guerra Mundial

HAZEL GAYNOR & HEATHER WEBB

ÚLTIMO
NATAL EM
PARIS

Um romance da Primeira Guerra Mundial

Tradução
Fernanda Veríssimo



Principis

© Hazel Gaynor and Heather Webb

© 2022 desta edição:

Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural

Título original

*Last Christmas in Paris: A Novel of
World War I*

Produção editorial

Ciranda Cultural

Texto

Hazel Gaynor

Heather Webb

Diagramação

Linea Editora

Design de capa

Edilson Andrade

Editora

Michele de Souza Barbosa

Imagens

Grischa Georgiew/Shutterstock.com;

Neirfy/Shutterstock.com;

freepik /freepik.com

Tradução

Fernanda Veríssimo

Revisão

Fernanda R. Braga Simon

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

G287u	Gaynor, Hazel
	Último Natal em Paris: um romance da Primeira Guerra Mundial / Hazel Gaynor; Heather Webb; traduzido por Fernanda Veríssimo. - Jandira, SP : Principis, 2022. 320 p. ; 15,50cm x 22,60cm.
	Título original: Last Christmas in Paris: a novel of world war I ISBN: 978-65-5552-679-0
	1. Literatura inglesa. 2. Carta. 3. Romance. 4. Natal. 5. Amadurecimento. I. Webb, Heather. II. Veríssimo, Fernanda. II. Título.
2022-0277	CDD 820 CDU 82/9.82-31

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : Romance 820

2. Literatura inglesa : Romance 82/9.82-31

1ª edição em 2022

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

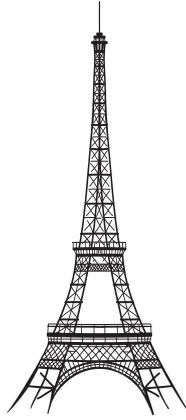
SUMÁRIO

Prólogo.....	11
Parte Um – 1914.....	15
Paris.....	47
Parte Dois – 1915.....	51
Paris.....	156
Parte Três – 1916.....	159
Paris.....	216
Parte Quatro – 1917.....	219
Paris.....	262
Parte Cinco – 1918.....	267
Paris.....	300
Epílogo.....	305
Agradecimentos.....	307
Uma carta de amor às cartas.....	309
Pesquisando a Grande Guerra.....	313
Fatos interessantes sobre a Grande Guerra.....	317
Orientações de lorde Kitchener para as tropas britânicas.....	319

*Para nossa agente, Michelle Brower,
com gratidão, admiração e amor*

“Talvez sem dor, quem sabe um dia
Verei o ano velho passar
E canções de Natal outra vez ouviria
Ainda que você não as possa escutar”

– Vera Brittain, trecho de *Talvez*



PRÓLOGO

Richmond, Londres,
15 de dezembro de 1968

A vida mudou para sempre sem ela; sem a sensação de tê-la por perto. As horas passam vazias enquanto espero ouvir seus passos suaves na escada e aguardo que sua risada anime estes quartos sem vida. Quando fecho os olhos, posso fazê-la surgir; o aroma de seu perfume, o toque suave de seu dedo na minha bochecha, aqueles olhos intensamente azuis olhando para mim. Mas é tudo ilusão. Truques que escondem a verdade de sua ausência.

Eu me esforço para levantar da cadeira, segurando minha bengala como um membro adicional, e vou claudicante até a janela. Salpicos de neve caem do céu cinza claro, acumulando-se em nichos ao longo do rio, buscando abrigo das famintas águas do Tâmis que inundam o riacho atrás da casa. Um barquinho balança ao ritmo suave da corrente e me faz lembrar do vigor com o qual eu remava quando jovem, desesperado para impressionar. Eu ainda a vejo, sentada à margem do rio, a saia presa atrás

dos joelhos, rindo e jogando uma pedra que vai mais alto e mais longe do que qualquer outra, faz um grande arco, desce em um ângulo perfeito e me lança um jato d'água ao bater no rio.

Eu a vejo em todos os lugares. Em tudo. Como é possível que ela não esteja aqui?

Toco o colar em meu bolso e lembro como ela adorava citar as palavras da srta. Brontë. *Não sou pássaro; e nenhuma rede me agarra: sou um ser humano livre com uma vontade independente.*

Como fui tolo.

– Sr. Harding? – Margaret está à porta. Seu impecável uniforme de enfermeira me faz atravessar os anos e voltar ao barulho e ao cheiro dos hospitais de campanha e dos postos de emergência, a tudo o que foi um dia.
– Está na hora, Thomas. O carro está aqui.

Respirando com dificuldade, descanso meu rosto contra a janela, saboreando o gelado do vidro contra minha pele. Meu olhar vagueia pelas casas vizinhas, o velho e soturno Tâmis e a vista além da colina em direção a Londres. Só eu sei que essa é a última vez que olho para os lugares que mais amo. Os médicos me disseram que não tenho muito tempo. É uma realidade com a qual estou conformado, mas que escondo daqueles que ficariam perturbados se soubessem a extensão real da minha doença – inclusive a minha enfermeira.

– Minhas cartas estão embaladas, Margaret? – eu pergunto.

– Estão todas na sua mala, como pediu.

– Todas? A carta lacrada também? – Não consigo dizer “a última”.

– Sim, Thomas. Todas elas.

Eu assinto com a cabeça. Quantas eram no final? Muitas dezenas. Tanto medo e esperança capturados em nossas palavras, tanto desejo e perda – e amor. Ela sempre disse que sua guerra foi travada com palavras; sua caneta e sua prosa eram as únicas armas que ela, como mulher, podia empunhar. Ela achava importante manter um registro de toda a correspondência, guardando as memórias daqueles anos com tanta determinação e cuidado

ÚLTIMO NATAL EM PARIS

quanto qualquer exposição no Museu Britânico. Sempre me irritou o fato de que um frágil pacote de sentimentos em papel tenha sobrevivido à guerra enquanto tantas pessoas foram perdidas, mas agora estou feliz por tê-lo. Agora, estou pronto para reviver aqueles dias, para ler nossas cartas uma última vez em Paris, como ela desejava. Penso na carta lacrada: *Para ser aberta em Paris, na véspera de Natal*. Eu me pergunto o que mais ela pode ter a dizer.

Margaret espera pacientemente enquanto atravesso a sala. Ela sabe que sou um velho tolo e teimoso e que iria reclamar se ela me oferecesse ajuda. Ela olha para a janela e franze a testa.

– Tem certeza de que Paris é uma boa ideia, sr. Harding? A neve está caindo forte.

Eu desfaço sua preocupação.

– Paris é sempre uma boa ideia – eu respondo. Minha respiração já está pesada quando chego à porta. – Especialmente no Natal – eu vacilo ao dizer as palavras. Palavras que um dia foram dela. – E porque eu prometi.

– Eu nunca fui. – Margaret dá um sorriso largo. – Espero ver a Torre Eiffel.

Murmuro baixinho que seria difícil não a ver e me viro para dar uma última olhada na sala, momentos e memórias escondidos sob os lençóis que cobrem os móveis e que sempre transformaram nossa casa de Londres em um mausoléu temporário nesta época do ano.

– Se alguma cidade foi feita para a neve, essa cidade é Paris.

Ela acena com a cabeça e estende um braço hesitante.

– Para Paris, então, sr. Harding! A todo vapor!

Seu entusiasmo juvenil me lembra um velho amigo, e sorrio enquanto enlaço meu braço no dela.

– Para Paris – eu digo. – Espero que esteja tão bonita quanto a minha lembrança.

Margaret fecha a porta atrás de nós, e eu digo um adeus silencioso a todos aqueles que amei e perdi e a todos os presentes preciosos que a vida

me deu. Se entendi bem, Paris ainda pode ter um último presente guardado para mim.

Mas, primeiro, devo voltar ao início de nossa história, ao início de uma guerra que nenhum de nós queria, uma guerra que disseram que acabaria no Natal.

Tenho o primeiro maço de cartas guardado no bolso e, enquanto o avião anda pela pista, desamarro a fita vermelha e começo a ler...

PARTE UM

1914

“Foram convocados das encostas.
Foram chamados dos vales,
E o país os encontrou prontos
Para o veemente chamado aos homens.”

– Ivor Novello, *Mantenham acesas as lareiras*